

FELIZ 2011!

*** Roberto Rodrigues**

Boa parte dos analistas agrícolas prevê um 2010 com dificuldades para os produtores rurais brasileiros, e esta expectativa se baseia em 5 questões: a primeira é a forte valorização do real frente ao dólar, o que já vem inibindo a competitividade de vários de nossos melhores produtos, como a carne; o segundo é a possibilidade de queda dos preços de commodities em função de recordes de produção mundial, como é o caso da soja; o terceiro é a especulação, que já vem afetando dramaticamente alguns produtos, especialmente o café.

Um quarto tema seria ligado a um efeito da crise financeira de 2008, a redução do consumo de produtos, como o suco de laranja.

Mas há um quinto elemento sobre o qual não há manifestação, mas que no Brasil tem muita importância: 2010 será um ano eleitoral.

Ora, como pode a eleição afetar a atividade rural?

Simples: a maioria esmagadora dos eleitores brasileiros é urbana. Portanto, há uma tendência natural de que as plataformas sejam voltadas ao interesse desta maioria. Isto implica, por exemplo, em alimentos baratos. E isto significa que não se deve esperar muito em favor da renda dos produtores rurais. A única possibilidade em contrário seria a escassez de produtos, o que não ocorre. E, com o câmbio prejudicando severamente as exportações, o mercado interno vira prioridade e a oferta cresce mais que a demanda. Sem proteção como o seguro ou preços mínimos, o produtor estará entregue à própria sorte; ou ao próprio azar.

Ademais, temas verdadeiramente importantes, mas também simpáticos à opinião pública em geral, como a segurança alimentar e a defesa do meio-ambiente podem ser usados contra os interesses legítimos dos agricultores, como bandeiras eleitorais em discursos fáceis e nem sempre consistentes.

E tudo isso vai embrulhado no perfil eminentemente urbano dos candidatos colocados até agora.

Portanto, o ano eleitoral pode ser um adicional de periculosidade para o câmbio, para o excesso de oferta, para o rescaldo da crise financeira e para a especulação gananciosa dos mercados. Pode ser!

Mas também pode não ser, e isto depende fundamentalmente da capacidade dos produtores rurais, através de seus principais órgãos de representação, de se organizarem para levar aos candidatos e à sociedade um sólido programa de governo que considere exatamente os temas apontados: só uma agropecuária forte será capaz de garantir a segurança alimentar do povo brasileiro com excedentes exportáveis que mitiguem a fome no resto do mundo, e de maneira sustentável, protegendo nossos recursos naturais.

Temos todos os elementos para produzir um programa desta natureza. Mas o mais importante não é fazê-lo, é convencer a sociedade de seu valor e da sua importância. Só assim os candidatos o abraçarão.

Está na hora de cuidar disso porque, caso contrário, 2010 será tão difícil que não só nos restará desejar um feliz 2011.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e Professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**